

CELINA BODENMÜLLER • FABIANA PRANDO

SOU LATINO- -AMERICANA!

21 FEMINISTAS QUE LUTARAM POR JUSTIÇA SOCIAL, LIBERDADE
POLÍTICA E IGUALDADE ECONÔMICA ENTRE HOMENS E MULHERES

ILUSTRAÇÕES

BEATRIZ ORTIZ • CRISTIANO SIQUEIRA



Texto © **Celina Bodenmüller e Fabiana Prando**
Ilustração © **Beatriz Ortiz e Cristiano Siqueira**

Direção editorial

Marcelo Duarte
Patth Pachas
Tatiana Fulas

Gerente editorial

Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais

Henrique Torres
Laís Cerullo

Assistente de arte

Samantha Culceag

Projeto gráfico e diagramação

MM design

Capa

Vanessa Sayuri Sawada

Preparação

Clarisse Lyra

Revisão

Olívia Tavares
Ronald Polito

Impressão

PifferPrint

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B651s

Bodenmüller, Celina

Sou latino-americana!: 21 feministas que lutaram por justiça social, liberdade política e igualdade econômica entre homens e mulheres / Celina Bodenmüller, Fabiana Prando; ilustração Beatriz Ortiz, Cristiano Siqueira. - 1. ed. - São Paulo: Panda Books, 2025. il.

ISBN 978-65-5697-361-6

1. Feministas - América Latina - Biografia. I. Prando, Fabiana. II. Ortiz, Beatriz. III. Siqueira, Cristiano. IV. Título.

24-94807

CDD: 305.42092

CDU: 929:141.72

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439



2025

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 - São Paulo - SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PANDA BOOKS

EM MEMÓRIA DE MINHA MÃE, RUTH,
UMA VALENTE SALVADORA DE VIDAS.
C.B.

ÀS MULHERES DA PENITENCIÁRIA FEMININA DE
SANT'ANNA POR ME ENSINAREM, COM SUAS
HISTÓRIAS DE VIDA, O VALOR DA LIBERDADE.
F.P.

PANDA BOOKS

SUMÁRIO

6
APRESENTAÇÃO

9
ARGENTINA
Carola Elena Lorenzini

13
BOLÍVIA
Domitila Barrios de Chungara

17
BRASIL
Lélia Gonzalez

21
CHILE
Elena Mafalda Zunilda
Caffarena Morice

25
COLÔMBIA
María de los Ángeles Cano Márquez

29
COSTA RICA
Carmen Lyra

33
CUBA
Mercedes Valdés Granit

37
EL SALVADOR
Prudencia Ayala

41
EQUADOR
Dolores Cacuango

45
GUATEMALA
Margarita Azurdia

49
HAITI
Alice Garoute

53
HONDURAS
Teresa Victoria Fortín Franco

57
MÉXICO
Matilde Petra Montoya Lafragua

61
NICARÁGUA
Arlen Siu Bermúdez

65
PANAMÁ
Marta Matamoros

69
PARAGUAI
Carmen Soler

73
PERU
Victoria Santa Cruz

77
PORTO RICO
Ana Roqué de Duprey

81
REPÚBLICA DOMINICANA
Andrea Evangelina Rodríguez Perozo

85
URUGUAI
Lucrecia Covelo

89
VENEZUELA
María Luisa González Gragírena de Escobar

APRESENTAÇÃO

Em tempos de superproduções cinematográficas protagonizadas por heróis, ousamos resgatar heroínas da vida real – personagens muitas vezes esquecidas cujas histórias de luta e resistência possibilitaram os avanços que experimentamos hoje.

Aqui você conhecerá 21 mulheres, uma para cada país da América Latina. Todas elas tiveram impacto no século XX, nele viveram e deixaram sua marca. Com as características de seus respectivos países, bem como de sua aptidão pessoal e história de vida, sofreram as imposições de regimes ditatoriais em nações marcadas pelo passado colonial e pelo legado de desigualdade social, racismo, sexismo e toda sorte de injustiças, preconceitos e violação de direitos.

Nossas personagens são aviadoras, médicas, escritoras, artistas, professoras, ativistas, costureiras, líderes indígenas, bailarinas, compositoras, juristas, intelectuais, trabalhadoras domésticas, mineradoras, videntes, biólogas, sufragistas, políticas, revolucionárias e cantoras. Apesar da diversidade, todas compartilharam do mesmo ideal: a luta por uma sociedade mais justa, igualitária e democrática. São mulheres insubmissas que não aceitaram as arbitrariedades de um sistema opressor e violento. Muitas foram incompreendidas em seu próprio tempo, ganhando notoriedade anos depois, algumas apenas após a morte.

Desprovidas de superpoderes, capas, roupas e efeitos especiais, tinham uma qualidade rara: a de se importar profundamente com as pessoas. Elas ousaram transpor o interesse do “eu” e dos “meus”, foram cidadãs notáveis que fizeram a diferença para muitas vidas e gerações. Essas mulheres nos tocaram muito com suas histórias repletas de coragem, amor, entrega e desejo de transformação, um altruísmo que contrasta com o individualismo vigente e que nos faz recordar os mais altos ideais humanos.

Procuramos selecionar alguns nomes pouco conhecidos do público brasileiro e perfis distintos, oferecendo um panorama vasto e multifacetado, assim como o são nosso continente e as mulheres em sua essência, que sempre se desdobram em inúmeras possibilidades. Desejamos que a leitura deste livro inspire você, querida leitora e querido leitor, a descobrir seu próprio potencial e a se orgulhar de suas raízes latino-americanas.

CELINA BODENMÜLLER E FABIANA PRANDO



ARGENTINA

CAROLA ELENA LORENZINI

15.8.1899 [EMPALME SAN VICENTE] • 23.11.1941 [MORÓN]

*Se a espera nunca chega,
o melhor é atropelar.*

As amazonas, guerreiras mitológicas da antiguidade, são mulheres corajosas que aceitam qualquer desafio. Carola Lorenzini foi dessa linhagem.

Diferentemente do pai, um sapateiro que manteve os pés agarrados ao chão por toda a vida, Carola queria ter asas. Ela amava cavalgar e caçar com seus irmãos. Cresceu apaixonada pelos esportes: remo, equitação, salto, atletismo, lançamento de dardo, arremesso de peso, natação e hóquei. Todos admiravam aquela campeã, que conquistava medalhas e prêmios, mas ela sonhava ainda mais alto.

Quando cresceu, sacudiu a vizinhança acelerando pelas ruas de Empalme San Vicente, cidade localizada perto de Buenos Aires, capital da Argentina. Ela foi a primeira mulher a dirigir um automóvel naquela região.

Carola também foi atriz de teatro, mas preferiu o céu como palco. Trabalhou no escritório da Compañía Unión Telefónica. “Eu preciso trabalhar para comer... e voar para viver”, dizia. Ouvia que voar era arriscado, que deveria manter os pés em terra firme, mas não se abalava: “O perigo está em toda parte. Ninguém precisa procurá-lo”.

Aceita como aluna em um aeroclube em 1933, Carola conseguiu permissão no trabalho para entrar uma hora mais tarde. Saía de casa às 3h30 da manhã e ia de trem para o aeródromo de Morón, que ficava a cerca de vinte quilômetros de sua casa. Formou-se piloto em três meses. A essa altura, a cidade já se orgulhava dela.

Carola foi a primeira mulher a conseguir uma licença para voar e, depois, a primeira instrutora de voo da América do Sul. A Compañía Unión Telefónica mandou publicar nos jornais os parabéns para a pioneira.

Pilotou a uma altitude de 5.300 metros e quebrou o recorde sul-americano. Esse feito foi reconhecido pela Aeronáutica da Argentina, que deu a ela uma medalha com a inscrição: “Dos camaradas da Aeronáutica Militar à senhora Carola Lorenzini – Recorde de altura, 31 de março de 1935”. Ela prendeu a medalha ao seu relógio e jamais deixou de levá-la consigo.

A façanha desencadeou uma campanha de arrecadação para que Carola comprasse seu próprio avião. Houve reportagem em revista, festas beneficentes e até um pedido na Câmara dos Deputados. Mesmo assim, o dinheiro não apareceu.

Depois de um ano, Carola se tornou a primeira mulher a sobrevoar sozinha o rio da Prata. Ela decolou do aeródromo de Morón, na Argentina, e aterrissou em Montevideú, no Uruguai. As capas de revistas estampavam a destemida aviadora em sua tradicional roupa de pilota: jaqueta de couro e bombachas, as típicas calças gaúchas. Ganhou o apelido carinhoso de Paloma Gaucha, ou Pomba Gaúcha.

RIO DA PRATA

O rio da Prata tem esse nome em função da busca pela lendária Sierra de la Plata no século XVI. Relatos de navegadores diziam que indígenas, exibindo pedaços de cobre, prata e pedras com veios de ouro, descreviam uma montanha de prata protegida pelo rei Branco e seu exército. Tais histórias chegaram aos reis ibéricos, que enviaram mais expedições para explorar a região, dando sequência à colonização do rio da Prata e à ocupação do litoral sul do continente americano.

VOOS FEMINISTAS

Carola Lorenzini seguiu encantando as pessoas com suas acrobacias aéreas, colecionando triunfos, vencendo competições e quebrando tabus. Na mesma época, a norte-americana Amelia Earhart estava dando a volta ao mundo a bordo do *The Canary*, seu avião amarelo. E as sufragistas reivindicavam a participação ativa das mulheres na política. Entre tantas

lutas coletivas, o ato de cruzar fronteiras até então intransponíveis para as mulheres representou um tipo de feminismo individual.

Em 21 de abril de 1940, Carola sobrevoou 5.115 quilômetros, mapeando todas as províncias argentinas, além de comemorar o feito com 26 exibições acrobáticas. Ao pousar em El Palomar, foi recebida por uma multidão em festa. Disseram que aquele não havia sido um voo solitário, porque ela inspirou toda uma geração:

Quando se duvida do valor feminino e da tenacidade das mulheres, surge uma aviadora como Carola Lorenzini, que nos apoia e coloca seu nome em todas as bocas. Nós, mulheres, amamos Carola porque ela é uma resposta constante a todas as crenças injustas e aos frequentes comentários irônicos sobre a coragem das mulheres (*Revista Maribel*, Argentina, 7 de maio de 1940).



AMELIA EARHART

Aos 25 anos, a norte-americana Amelia Earhart estabeleceu o recorde feminino de altitude ao atingir 4.300 metros. Em 1932, sobrevoou o oceano Atlântico sozinha. Ela desejava ser a primeira mulher a dar uma volta ao mundo. Em 1º de junho de 1937, decolou de Miami acompanhada pelo navegador Fred Noonan. Mas seu avião desapareceu. Os corpos e os destroços da aeronave nunca foram encontrados.

Carola era famosa por suas arriscadas acrobacias aéreas. Em 23 de novembro de 1941, um grupo de aviadores uruguaios foi convidado para assistir a uma demonstração no aeródromo de Morón. Faria a sua manobra mais famosa, o looping invertido, algo que somente ela e seu instrutor ousavam realizar. Durante a acrobacia – que consiste em ficar de cabeça para baixo bem perto do chão – algo deu errado e transformou esse voo no último da Pomba Gaúcha.

O acidente e a morte de Carola entristeceram a Argentina. Em 2001, o Correio Argentino emitiu um selo postal comemorativo com a imagem dela. Carola recebe muitas honrarias e homenagens até hoje, não somente por ser uma aviadora pioneira, mas também por ser uma personagem importante das lutas históricas pela emancipação das mulheres no país.